

ADAPTAÇÃO ENTRE POEMA E MÚSICA: ALGUMAS REFLEXÕES À BASE DA INTERMIDIALIDADE DA OBRA “VACA ESTRELA E BOI FUBÁ”

Maria Reginalda da Silva*
Geraldo Augusto Fernandes**

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar uma reflexão sobre adaptação entre poema e música, suas proximidades e distanciamentos em relação ao ato de transformar uma linguagem artística em outra. Essa apresentação será realizada através do princípio da intermedialidade, em que se entende como o cruzamento de fronteiras entre mídias que abrange inúmeras formas de arte e de comunicação. Com foco nas pesquisas envolvendo música e literatura, pretende-se mostrar que esse conceito amplia as possibilidades de diálogos entre artes e abarca perspectivas suprimidas em diversos momentos com abordagens comparativas entre as duas. Para este fim, recorreremos aos estudos propostos por Claus Clüver (2011) e Irine Rajewsky (2012) em que se observam a função e definição de mídia tanto na capacidade de arte como meio utilizado para a transmissão de significados, assim como as subcategorias de intermedialidade. A discussão proposta ocorre em relação à adaptação para música do poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, do cearense Patativa do Assaré, declamada e cantada por ele e adaptada por Raimundo Fagner, anos depois. Ao analisar as duas obras, é possível entender que a mídia pode ser usada como forma de potencializar o significante da obra-fonte, provendo variados direcionamentos para o ouvinte/leitor, além de expandir a mensagem transmitida devido à sua variação.

Palavras-chave: Tradução. Poema. Música.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present a reflection on adaptation of poems and music, their proximities and distances in relation to the act of transforming one artistic language into another. This presentation will be based on the principle of intermediality, which is understood as the crossing of borders among media that encompass several forms of art and communication. Focusing on research involving music and literature, we intend to show that this concept expands the possibilities of dialogues between arts and embraces perspectives suppressed at different times with comparative approaches of both. Therefore, the studies proposed by Claus Clüver(2011) and Irine Rajewsky (2012) will be used, in which the function and definition of media are observed both in the capacity of art as a vehicle used for the transmission of meanings, as well as the subcategories of intermediality. The proposed discussion takes place in relation to the musical adaptation of the poem "Vaca Estrela e Boi Fubá", by Ceará Patativa do Assaré, recited and sung by him and adapted by Raimundo Fagner, years later. By analyzing the two works, it is possible to understand that the media can be used as a way to enhance the meaning of the source work, providing varied directions for the listener/reader, besides expanding the transmitted message due to its variation.

Keywords: Translation. Poem. Song.

1 INTRODUÇÃO

* Doutoranda em Literatura Comparada (UFC). Professora na Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). profregisilva@gmail.com

** Doutor em Letras (USP). Professor adjunto na Universidade Federal do Ceará (UFC). Orientador. geraldoaugust@uol.com.br

Atualmente, adaptar ou traduzir obras literárias para as mais diferentes mídias é uma prática cultural bastante recorrente, principalmente para versões audiovisuais, exibidas em cinema, televisão ou internet. Para entender os processos que envolvem essa prática, alguns estudiosos consideram diferentes olhares metodológicos e epistemológicos, por isso, é importante realizar uma revisão de literatura crítica dos principais estudos teóricos realizados na área da tradução e adaptação, sobretudo aqueles provindos da Tradução Intersemiótica (Diniz, 1994) e da Teoria da Adaptação (Bassnett, 2003), que servem de base para a escrita deste texto.

Um dos aportes encontrados se refere à intermedialidade, conceito que se encontra nas mais antigas produções de arte, apesar de esse termo ser novo no campo acadêmico. Apoiando-se nos estudos de Claus Clüver, que apresentam concepções de intermedialidade e entendem as artes e seus componentes como mídias. Para o pesquisador, a arte, assim como a mídia, é um agente comunicacional que transmite “mensagens ou signos por um emissor para um receptor” (CLÜVER, 2011, p. 10). Portanto, no caso da literatura, tanto a forma de arte em si, quanto a palavra escrita compõem a mídia; dessa forma, podemos entender que, quando nos referimos à música como mídia, falamos de uma forma de arte, abrangendo também seus componentes, como a letra e a melodia. Como objetivo desse trabalho, pretendemos demonstrar, embasados neste conceito, como a noção de intermedialidade contribui para estudos entre a obra literária e a música, analisando o poema regional “Vaca Estrela e Boi Fubá”, que foi musicalizada pelo poeta que o escreveu, Patativa do Assaré e adaptada por Raimundo Fagner, que a gravou anos depois.

Steven Paul Scher (2004) e seus estudos agregaram conhecimento inédito, a partir de meados do século XX, aos resultados manifestos por Calvin S. Brown, um dos primeiros estudiosos que atua no campo comparativo entre literatura e música, tornando-se também referência nos estudos relacionados à interseção entre essas artes. No entanto, Charles Perrone em seu livro *Seven Faces*, aponta quebras de alinhamento em sua composição nas abordagens citadas, de acordo com ele, “Com poucas exceções, os estudos acadêmicos que inter-relacionam a música e a poesia estão voltados à música clássica. Historicamente, esta perspectiva é relacionada à institucionalização de conceitos de alta ou baixa cultura” (GUIDA, 2016, p. 2). Ou seja, há poucos ou quase nenhum estudo que tenham como objeto de análise um poema ou música que não esteja no cânone, seja literário ou musical. Assim, o texto que escolhemos para analisar nesse artigo é algo incomum, por se tratar de um poema

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.13-26, 2022

regional, com linguagem simples, que ao ser musicalizado, também conservou essas características.

Scher (2004 apud GUIDA, 2016, p. 2) apresenta os três níveis de correlação entre a literatura e a música:

- 1) “a música e a literatura”, acontece quando os componentes do texto e da música são indissociáveis e se transformam em uma única forma de expressão artística, a qual não é somente música ou somente texto, mas a junção dos dois, o que acontece, por exemplo, em óperas, cantatas, dentre outros;
- 2) “a literatura na música”, conhecida como “música programada”, (program music) referindo-se a uma música definida por sons instrumentais inspirados ou baseados em uma informação não-musical;
- 3) “a música na literatura”, ocorre quando há a presença literária através de apropriação ou apenas a menção à literatura na obra musical.

Charles Perrone (1986) apud Guida (2016, p. 2), declara que “completamente ausente destas categorias está o potencial papel da letra da música como forma de poesia de uma determinada nação”, assim, ao discutir esses níveis, entende-se que ainda necessitam de complementação. Dessa forma, compreende-se que há uma defesa de Perrone quanto ao gênero letra de música. Para o estudioso, é estabelecido um ambiente literário no contexto musical e, por esse motivo, deve estar presente em associações entre a literatura e a música, devido a esse gênero apresentar criatividade, métrica, estilo, alusões, influências e intertextualidades estabelece.

Parece então urgente preencher a ausência mencionada por Perrone, nos estudos de Scher, já que há um ambiente literário no contexto musical e, por esse motivo, devem estar presentes associações tênues entre a literatura e a música. Ao tratarmos a relação entre a literatura e a música nos preceitos da intermedialidade faremos pontes entre ambas, afinal, a letra de música é também uma forma de mídia e pode ser relacionada a outra mídia, neste caso o poema. Baseando-nos nos estudos de Clüver (2011), entendemos que a afinidade entre letras de música e poemas é uma relação intermediária com possível comparação intramediática. Em outras palavras, ao associarmos música ao poema, como são formas de arte, encontramos duas mídias distintas, ocorrendo a intermedialidade e, ao considerarmos o texto escrito como componente da música (letra) ou da literatura (poema escrito), estamos diante da mesma mídia, ou seja, uma relação intramediática, não encontrando uma forma de separar uma da outra.

Na capacidade intermediária (literatura e música), podemos comparar (as proximidades) ou contrastar (os distanciamentos) entre as características de cada mídia. Nesse texto, nos deteremos na função entre uma mídia e outra, observando também em que medida

uma influencia ou é influenciada pela outra. Faremos, através da comparação intramidiática (poema e letra de música), a observação do texto em si, ou seja, a sua estrutura e a sua forma. Além disso, ao considerarmos componentes, forma de arte e diferentes configurações de mídia, proporcionamos uma comunicação não hierárquica entre as artes. Nessa discussão se valoriza a hibridização da mídia, ou seja, o cruzamento das artes, e isso permite que o diálogo entre a música e literatura ocorra em um nível horizontal, desvanecendo a discussão entre alta e baixa cultura na relação entre ambas, também criticada por Perrone (1996). Dessa forma, acreditamos que a intermedialidade nos encaminha para inúmeras possibilidades de estudos, ampliando perspectivas anteriores e abrindo lacunas a serem preenchidas por estudos posteriores, mais aprofundados.

2 VACA ESTRELA E BOI FUBÁ: O POEMA

Encontramos por diversas vezes no cenário brasileiro a junção entre poesia e música, que enriquece bastante a cultura do nosso país. Analisaremos aqui o poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, de Antonio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré. Vejamos.

Seu doutô, me dê licença
 Pra minha históra eu contá.
 Se hoje eu tou na terra estranha
 E é bem triste o meu pená
 Mas já fui muito feliz
 Vivendo no meu lugá.
 Eu tinha cavalo bom,
 Gostava de campeá
 E todo dia aboiava
 Na portêra do currá.
 Ê ê ê Vaca Estrela,
 Ô ô ô Boi Fubá.

Eu sou fio do Nordeste,
 Não nego o meu naturá
 Mas uma seca medonha
 Me tangeu de lá pra cá.
 Lá eu tinha meu gadinho
 Não é bom nem maginá,
 Minha bela Vaca Estrela
 E o meu lindo Boi Fubá,
 Quando era de tardezinha
 Eu começava a aboiá.
 Ê ê ê Vaca Estrela,
 Ô ô ô Boi Fubá.

Aquela seca medonha
 Fez tudo se trapaíá;
 Não nasceu capim no campo
 Para o gado sustentá,

O sertão esturricou,
 Fez os açude secá,
 Morreu minha Vaca Estrela,
 Se acabou meu Boi Fubá,
 Perdi tudo quanto tinha
 Nunca mais pude aboiá.
 Ê ê ê Vaca Estrela,
 Ô ô ô Boi Fubá.

E hoje, nas terra do Sú,
 Longe do torrão natá,
 Quando vejo em minha frente
 Uma boiada passá,
 As águas corre dos óio,
 Começo logo a chorá,
 Me lembro da Vaca Estrela,
 Me lembro do Boi Fubá;
 Com sodade do Nordeste
 Dá vontade de aboiá.
 Ê ê ê Vaca Estrela,
 Ô ô ô Boi Fubá.
 (ASSARÉ, 2006 p. 141-142)

O grande poeta, que escreveu esse poema, foi exímio compositor-cantor, repentista, sem deixar de ser agricultor, um homem da roça, como costumava se apresentar: “Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça no ano em que fui ao Pará.” (ASSARÉ, 1992, p. 16). Também tinha o dom da oratória, com sua fala mansa e palavras simples, fazia-se entender por todos que o ouviam. Sua produção se construiu em formas litero-musicais e performáticas, refletindo sua visão de mundo e ideologias.

Ao analisarmos suas poesias, encontramos uma escrita que traduz o olhar do oprimido, posicionando-se criticamente em relação a essa situação, ou seja, ele traduzia em palavras o que observava no mundo que o rodeava, as injustiças sociais. O poeta estruturou sua obra em uma perspectiva de denúncia, de invocação por justiça e políticas públicas que contemplassem os pobres abandonados pelos governantes, configurando-se numa relação de identidade do sujeito poético com o espaço social, objeto e propulsor de sua vasta produção. Também trabalhou a palavra através de elementos temáticos decorrentes e demarcadores da vida social e emocional desse meio com o qual conviveu, mostrando, assim, grande sensibilidade, uma fé religiosa cheia de misticismos, credices e uma esperança inabalável por crer em um futuro recompensador. Não era um sujeito conformado ou passivo, mas um ser que possuía uma mansidão admirável, transmitida através do poeta-cancionista em seus versos, o que o qualifica como um “pensador”, verdadeiro filósofo contemporâneo, caracterizando e interpretando o meio no qual viveu.

Outro aspecto que pode ser constatado através da leitura dos textos de Patativa é que apresenta oposição à clássica caracterização da passionalidade do nordestino retirante, composto fundamentalmente de sentimentalismos que causam piedade e nostalgia enunciados por uma voz lamuriosa. Acrescenta-se que tais caracterização e interpretação diluem a concreta formalização dos opressores, os quais são nitidamente encontrados na clássica questão da seca e numa injusta distribuição da terra. Nesse sentido, encaixa-se o poema acima transcrito, no qual identificamos uma função emotiva e conativa da linguagem própria da identificação do cancionista com a rígida situação que relata, descrevendo a clássica situação do retirante desligado de seu habitat. O discurso poético popular elaborado pelo competente repentista, excelente propagador de folhetim e cordel, em nada deixa a desejar dos clássicos, pois, ao fazermos a leitura e análise de “Vaca Estrela e boi Fubá”, constatamos que se encaixa perfeitamente segundo tais preceitos, se considerarmos temas e tessitura poética.

O refrão é exposto ao final de cada estrofe, com versos tetrassílabos, ou seja, de quatro sílabas cada. O poema é composto de quatro décimas, em que os versos se apresentam em redondilha maior ou heptassílabos, verso de sete sílabas poéticas, a rima ocorrendo nos pares. Essa composição demonstra o profundo conhecimento do autor quanto às questões ligadas à versificação e métrica dos poemas. Para assegurar a rima consoante, usa-se o mecanismo linguístico e verossímil da apócope, que consiste na troca do /l/ pelo acento agudo em três casos: no substantivo “curral”, v. 10, E 1 e dois adjetivos, um substantivado: “natural”, v. 2, E 2 e “natal”, v. 2 E 4. Evidente também e quase absoluto é o uso da apócope, suprimindo a vibrante /r/ dos infinitivos. Percebe-se, ainda, como outros exemplos linguísticos desse falar caboclo, a síncope da semivogal /i/ em “histora”, v.2 e em “portêra”, v. 10, E 1 e a aférese da vogal /i/ “maginá”, v.6, E 2 e da vogal /a/ em “trapaiá”, v.2, E 3, e neste caso ocorre também uma vocalização da lateral /lh/ em /i/. A partir desses exemplos, constatamos que a língua em seu nível predominantemente oral e popular se formula em alguns de seus usos característicos.

É preciso ressaltar que tais aspectos linguísticos são próprios da linguagem dita regional, mais especificamente, do linguajar popular oralizado, que o poeta-cancionista, apresenta em seu poema-canção, demonstrando nesse ato inteira identificação com os seus semelhantes e conterrâneos, provavelmente os consumidores da sua poesia, em forma de poema ou de canção. Assim, apresenta-se um sujeito poético que, no momento da enunciação, se encontra em estado de afastamento de seu grande bem, seu espaço de valor, o “torrão natal”, e se recorda do quanto nele vivera com alegria e felicidade.

Encontra-se, na primeira estrofe, um contraste entre o presente e o passado, o que podemos observar quando ele diz estar pensando em “terra e estranha” e que, na condição de vaqueiro, fora muito feliz em seu lugar. Ao fechar cada estrofe, o refrão traz em si uma duplicidade, o misto de tristeza e alegria, uma vez que, no presente, um aboio reduzido a um canto traz recordações do passado em que era um chamamento, deixando-o triste ao recordar do vínculo afetivo e feliz em sua relação com os animais que tanto amava. Podemos reiterar a afirmativa anterior nos versos: “E todo dia aboiava/ Na portêra do currá” (E 1); “Quando era de tardezinha/ Eu começava a aboiá” (E 2). E quando está no presente, o poeta diz: “Perdi tudo quanto eu tinha/ Nunca mais pude aboiá” (E 3); “Com sodade do Nordeste/ Dá vontade de aboiá” (E 4). Na segunda e terceira estrofes, é representada a triste causa de sua emigração nos versos “Aquele seca medonha”// que “O sertão esturricou” e “Fez os açude secá”. E, na última estrofe, o poeta torna a referir-se ao presente que, como já dissemos, encontrando-se em estado de tristeza e pungentes recordações.

Em suma, o poema-canção nos apresenta um poeta-cancionista sensível, que sabe usar sabiamente as palavras para transmitir seus sentimentos, impressões, desejos e emoções. Conhecemos, através da leitura, um poeta que ama sua terra, que está sufocado de saudade de seu lugar, do qual está longe não por vontade própria, mas por necessidade. O poema-canção dialoga com demais obras do escritor-compositor que ficaram até mais famosas, como “A triste partida”, gravada por Luiz Gonzaga.

3 A OBRA “VACA ESTRELA E BOI FUBÁ” NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

A clássica obra “Vaca Estrela e Boi Fubá”, de Patativa do Assaré, é um poema que foi musicado pelo próprio artista, ficando conhecida como uma exemplar canção nordestina, traduzindo o sentimento de dor, tristeza e nostalgia do retirante, escorraçado de sua terra natal pela seca cruel. O quadro imagético que a memória do cancionista vai compondo é o de um cenário campestre, tipicamente brasileiro, em que se mantinha uma vida idílica. Como canção, foi gravada por alguns artistas famosos, como Luiz Gonzaga, Pena Branca e Xavantinho, Raimundo Fagner, além do próprio autor. Abaixo conheceremos a cifra para violão dessa clássica canção.

Vaca Estrela e Boi Fubá
Fagner

Tom: D
 [Intro] A7 D A7
 D A7 D

 D
 Seu doutor
 A7
 Me dê licença
 D
 Pra minha história contar

 Hoje eu tô
 A7
 Na terra estranha

 E é bem triste
 D
 O meu penar

 Mas já fui
 A7
 Muito feliz
 D
 Vivendo no meu lugar
 A7
 Eu tinha cavalo bom
 D
 Gostava de campear
 G F#m7
 E todo dia aboiava
 Em7 A7 D
 Na porteira do currá
 A7 D
 Ei, ah ah
 A7 D
 Ei, ah ah
 G F#m7
 Ê ê ê ê, vaca estrela
 Em7 A7 D
 Ô ô ô ô, boi fubá

 (A7 D A7 D)
 (A7 D A7 D)

 D A7
 Eu sou fio do nordeste
 D
 Não nego o meu naturá
 A7
 Mas uma seca medonha
 D
 Me tangeu de lá pra cá
 A7
 Lá eu tinha o meu gadinho
 D
 Não é bom nem imaginar
 A7
 Minha linda vaca estrela
 D

E o meu belo boi fubá
 G F#m7
 Quando era de tardezinha
 Em7 A7 D
 Eu começava a aboiar

D A7
 Aquela seca medonha
 D
 Fez tudo se trapaia
 A7
 Não nasceu capim no campo
 D
 Para o gado sustentar
 A7
 O sertão esturricou
 D
 Fez os açude secar
 A7
 Morreu minha vaca estrela
 D
 Se acabou meu boi fubá
 G F#m7
 Perdi tudo quanto tinha
 Em7 A7 D
 Nunca mais pude aboiar

D A7
 Hoje nas terra do sul
 D
 Longe do torrão natá

Quando eu vejo
 A7
 Em minha frente
 D
 Uma boiada passar
 A7
 As água corre do óio
 D
 Começo logo a chorar
 A7
 Lembro minha vaca estrela
 D
 E o meu lindo boi fubá
 G F#m7
 Com sodade do nordeste
 Em7 A7 D
 Dá vontade de aboiar

A7 D
 Ei, ah ah
 A7 D
 Ei, ah ah
 G F#m7
 Ê ê ê, vaca estrela
 Em7 A7 D
 Ô ô ô ô, boi fubá
 G F#m7

Ê ê ê, vaca estrela
 Em7 A7 D
 Ô ô ô ô, boi fubá
 G F#m7
 Ê ê ê, vaca estrela
 Em7 A7 D
 Ô ô ô ô, boi fubá
 A7 D
 Ei, ah ah
 A7 D
 Ei, ah ah
 A7 D
 Ei, ah ah
 A7 D
 Ei, ah ah

Fonte: <https://www.cifraclub.com.br/fagner/vaca-estrela-e-boi-fuba/>, acessado em 01º nov 2022

Na obra *Fundamentos da composição musical*, do compositor austríaco Arnold Schoenberg (1991, p.51), existe uma observação que diz o que para ele seria o verdadeiro objetivo da música: “O real propósito da construção musical não é a beleza, mas a inteligibilidade”. Entendemos que, para o autor, aquilo que se encontra como prazeroso ao se apreciar, não é o mais importante, não é a finalidade da música em si, mas sim o grau de entendimento e compreensão para quem a ouve, o consumidor final dessa arte. A versão aqui apresentada é a que foi adaptada e gravada pelo cantor Raimundo Fagner, também cearense como o Patativa do Assaré.

O poema musicalizado traz emoção ao ouvinte, sua toada toca diretamente ao coração, é algo que, mesmo trazendo um tom de tristeza e melancolia, também nos aproxima do contexto da mensagem. Esta é considerada uma canção-ícone do cancioneiro de Patativa do Assaré (DAMAZO, 2008), reverenciado como poeta-compositor-cantador cearense, cujas canções e poemas conquistaram grande sucesso no meio cultural popular. O cantor Raimundo Fagner a gravou em 1980, no álbum “Eternas Ondas”, trazendo um tom mais moderno e arrojado à composição.

Não temos conhecimento adequado para fazer uma análise musical da canção, nem é nosso propósito nessa, por isso nos atemos, na seção abaixo, à análise de aspectos da relação entre dois textos, observando o que aproxima a canção do poema.

4 INTERMIDIALIDADE NA ADAPTAÇÃO ENTRE POEMA E CANÇÃO

A intermedialidade é um termo usado para definir a interseção de fronteiras entre mídias que abrange diversas formas de arte e de comunicação. Nesse texto, focalizamos na Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.13-26, 2022

interação entre música e literatura, através das considerações sobre o poema e canção de Patativa do Assaré, “Vaca Estrela e Boi Fubá”, em que abordamos o conceito de intermedialidade como forma de ampliação das possibilidades de diálogos entre essas artes, abarcando perspectivas muitas vezes suprimidas por prévias abordagens comparativas entre uma e outra. Para Wolf (1999, p. 43), intermedialidade é

uma associação verificável, direta ou indireta, de mais de um meio convencionalmente distinto de significação em um artefato. Claramente, o que pode ser observado em literatura musicalizada, seja ficção, drama ou poesia, é um exemplo de intermedialidade nesse sentido, uma vez que ela envolve música na significação de uma obra ou arte verbal.

Podemos verificar, através da afirmação do autor, que o termo intermedialidade é uma ligação que pode ser constatada, sem dúvida, no poema musicado “Vaca Estrela e Boi Fubá”. Em termos de características que aproximam a canção do poema, entendemos que ambos têm funções emotivas e reflexivas. Tal afirmação se apoia nas conclusões de Claus Clüver, quando afirma que os estudos sobre intermedialidade compreendem as artes e seus componentes como mídia. Segundo Clüver, a arte, assim como a mídia, é um agente comunicacional que transmite “mensagens ou signos por um emissor para um receptor” (CLÜVER, 2011, p. 10). Portanto, no caso da literatura, a mídia pode ser tanto a forma de arte em si, quanto a palavra escrita que a compõe, o que podemos encontrar tanto no poema quanto na canção. Da mesma forma, quando nos referimos à música como mídia, tratamos de uma forma de arte, mas também de seus componentes, tal como a letra e a melodia.

T. F. N. Diniz (1994), ao considerar a questão cultural como parte dos estudos da adaptação, faz uma ampliação na abordagem do texto traduzido, por reconhecer que a adaptação como tradução torna-se “[...] um procedimento complexo que envolve também as culturas, os artistas, seus contextos históricos/sociais, os leitores/espectadores, as tradições, a ideologia, a experiência do passado e as expectativas do futuro” (DINIZ, 1994, p.41).

Nessa perspectiva, compreendemos que o poema musicado de Patativa do Assaré cabe nesse espaço de tradução, pois consideramos uma transposição de um gênero artístico em outro. E mais uma vez reforça a ideia de que traduzir significa “[...] perpetuar ou contestar, aceitar ou desafiar. Do mesmo ponto de vista, envolve, sobretudo, uma leitura transcultural” (Idem, 1994, p.41).

Ainda sobre a relação entre intermedialidade a que um texto traduzido passa a ser submetido, Robert Stam (2000, p.56) aponta o seguinte:

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.13-26, 2022

[...] a mudança de uma mídia unimodal, unicamente verbal como um romance, a qual “tem somente palavras para jogar com”, para uma mídia multimodal como um filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas também com performance teatral, música, efeitos especiais e imagens fotográficas em movimento explica a improbabilidade – e, eu sugeriria, até a indesejabilidade – de fidelidade literal.

Percebe-se que o autor escreveu esse conceito para refletir sobre a transcrição da obra literária em obra cinematográfica, mas trazemos a fala para a intermedialização entre poema e música, pois entendemos que o processo de adaptação entre as duas obras pode ser visto como equivalente. Também, na mesma fala, o pesquisador abre espaço para se pensar a adaptação ou transformação do texto poético em obra musical, mesmo que seja considerada uma performance.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse artigo uma reflexão sobre a interação entre poesia e música, suas proximidades e distanciamentos em relação ao ato de adaptar letra de poema em música. Tomando o poema/canção de Patativa do Assaré, intitulada “Vaca estrela e Boi Fubá”, ao ser adaptada por Raimundo Fagner no ano de 1980, fizemos uma reflexão intermediada pelo conceito de intermedialidade enquanto entrelaçamento entre mídias, que abrange inúmeras formas de arte e de comunicação. Foi mostrado que esse termo ampliou as possibilidades de diálogos entre essas artes, interlaçando perspectivas suprimidas em diversos momentos em abordagens comparativas entre música e literatura.

Após serem feitas algumas observações sobre o poema e, em seguida, sobre a música, foi importante compreender como esse estudo sobre adaptação se encaixou no espaço de tradução e adaptação, quando considerado como uma transposição de um gênero artístico em outro. O estudo fora realizado de acordo com os estudos sobre intermedialidade propostos por Claus Clüver (2011) e Irine Rajewsky (2012), que apresenta o conceito observando a função e definição de mídia tanto na capacidade de arte, como meio utilizado para a transmissão de significados. Concluiu-se, ao analisar as duas obras artísticas, que a mídia pode ser usada como forma de potencializar o significante da obra-fonte, provendo variados direcionamentos para o ouvinte/leitor, além de expandir a mensagem transmitida devido à variação de mídia.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mario de. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Ed. Livraria Martins, [s.d.].
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BASSNETT, S. **Estudos de tradução**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. 7. ed. revista. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4ª. ed. 2ª impressão rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2001.
- CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré: pássaro liberto**. Fortaleza: Omni, 2002a.
- CARVALHO, Gilmar de. **Patativa poeta pássaro do Assaré**. Fortaleza: Omni, 2002a.
- CLÜVER, Claus. **Intermedialidade**. In: VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas; PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Pós: Revista do programa de pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 8-23, 2011.
- DAMAZO, Francisco A. F. T. **Se o moço quer saber minha história, seu doutor, me dá licença, eu vou contar**. In XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008, São Paulo, anais do evento, São Paulo: editora da USP, n. p. 2008.
- DINIZ, T. F. N. **Os enleios de Lear: da semiótica à tradução cultural**. 1994. 235f. Tese (Doutorado em Letras/Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.
- FIGUEIREDO FILHO, J. de. **Patativa do Assaré: novos poemas comentados**. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1970.
- FIORIN, J. L. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In. BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 13. ed. São Paulo: Ática, 13. ed., 2005.
- GUIDA, Fernanda. **Entre música e literatura: uma abordagem intermediária**. In Revista Soletas – Revista do Departamento de Letras da FPP/UERJ, Rio de Janeiro, n. 32, p. 1-15.
- Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.13-26, 2022

LEMAIRE, Ria. Reler Patativa do Assaré: redescobrir um mundo. In: CARVALHO G. (org). **Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro**. Fortaleza: UFC, 2009.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. **Literatura e Música**. São Paulo: Perspectiva, 2002

PERRONE, Charles A. **Seven faces: Brazilian poetry since Modernism**. Durham: Duke University, 1996.

RAJEWSKY, Irina. **Intermedialidade, intertextualidade e ‘remediação:’ Uma perspectiva literária sobre a intermedialidade**. In: DINIZ, Thaïs Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (Org.). *Intermedialidade e estudos interartes: Desafios da arte contemporânea*, Belo Horizonte, v.2, p. 15-45, 2012.

SCHER, Steven Paul. **World and music studies: essays on literature and music (1967-2004)**. New York: Rodopi, 2004. p.175-188.

SCHOENBERG, Arnold. **Fundamentos da composição musical**. Trad. Eduardo Seincman. São Paulo: Ed. USP, 1991.

STAM, Robert. **Beyond Fidelity: the dialogics of adaptation**. In: NAREMORE, James (ed.) *Film Adaptation*. New Jersey: Rutgers University Pres, 2000. p. 54-76.

VACA Estrela e Boi Fubá. Intérprete: Raimundo Fagner. Eternas ondas. CBS/Sony, LP.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. **Por uma teoria pós-moderna da tradução**. Belo Horizonte, UFMG, FALE, 1992. Tese de doutorado em Letras/Literatura comparada.

WOLF, Werner. **Musicalized Fiction and Intermediality: Theoretical Aspects of Word and Music studies**. In: BERNHART, Walter, SCHER, Paul e WOLF, Werner (org): *Word and Music Studies: defining the field*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1999, p. 37-58.